



Nascida em Imperatriz - MA, aos 04 de julho de 1978, a autora teve seu processo de ensino aprendizagem interrompido por quase 11 anos. Período dedicado à criação e cuidado dos três filhos - Walmiria, Nelson Richardson e Jeovanna. Depois, quando a fome de saber a dominou, não mais parou. Agora, é mestranda em Letras, da Linha de Pesquisa Literatura, Diálogos e Saberes, com foco em Literaturas Indígenas, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL (2019-2022). Possui pós-graduação em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2013); Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela UEMASUL (2018); Graduação em Pedagogia pela Faculdade Reunida de Ilha Solteira (2011). Desde que conheceu as literaturas indígenas, em 2016, tem pesquisado, analisado e trabalhado os textos nativos em sala de aula.



Pelas idas e vindas de minha trajetória como educadora, fui educando e sendo educada, conduzindo e sendo conduzida. E nessa via de mão dupla, encontrei as Literaturas Indígenas, poesias em versos e prosa, que mais do que contribuir para a minha prática docente, incitaram reflexões para que a humanidade que há em mim pudesse ser trabalhada com a sensibilidade daqueles que veem o mundo e todos os seres com uma relação de parentesco. Sabendo que, como nos lembra Daniel Munduruku, “somos fios da mesma teia”.

Nesta teia, minha história como professora dos cursos de Graduação e Mestrado em Letras da UEMASUL, está amarrada à trajetória acadêmica e docente de Walquiria Lima da Costa, com a qual, ao longo desse processo de formação, fui tecendo muitos fios que conectam identidades, reconhecem e valorizam a ancestralidade e (re)constróem memórias.

Foi nesse percurso de emaranhados de memórias e trajetórias educacionais, que surgiram estas Propostas de Letramento, que busca auxiliar outras educadoras/educadores a se conectarem nesses fios. Pois, entendemos o quanto a educação escolar pode se beneficiar do fazer literário de autoria indígena. Tanto no aspecto cognitivo, como social, emocional e ético. Porque o Letramento é, acima de tudo, para o convívio e o respeito com a diversidade étnica.

Que esse material que propõe um mergulho em narrativas que refletem a sabedoria de povos que “[...] são leitores atentos dos sentidos da existência”, como bem ressalta Daniel Munduruku, possam nos remexer e nos tirar da acomodação de uma educação que não acolhe e desrespeita as diferenças. Assim, que nós, professoras/professores, alunas e alunos, possamos ser rios e assim incomodar tantos outros riachos, até que sejamos uma foz.

Profª Drª Lilian Castelo Branco de Lima



Walquiria Lima da Costa

Pelos caminhos das Literaturas Indígenas na Educação Básica:

Propostas de Letramento para o (re)conhecimento e o respeito à diversidade étnica

Ilustrações: Ronald Kauã Rodrigues Oliveira



As literaturas indígenas estão presentes na história da formação do país, fazendo parte fundamental da contação de narrativas orais. Isso porque a diversidade dos povos originários do Brasil se faz presente em todas as regiões. Assim, este material tem por objetivo apresentar propostas de letramento literário em Literaturas Indígenas a fim de auxiliar o trabalho docente, uma vez que as escolas públicas brasileiras recebem obras literárias e didáticas-literárias para que se cumpra a Lei nº 11.645/2008, que assegura a obrigatoriedade de se estudar a cultura e a história dos povos indígenas brasileiros.

Portanto, nessa proposta há algumas sugestões de obras indígenas, escritas por autores e autoras nativos, além de algumas obras de temática indígena, escritas por amantes, pesquisadores e estudiosos dessas tão ricas narrativas.

Vale ressaltar que todas as sugestões estão relacionadas com a Base Nacional Comum Curricular e que outras, especificamente, estão voltadas para a regionalidade do Estado do Maranhão. Assim, pode-se conhecer narrativas, artes e culturas desses mais diversos povos.

Dessa forma, temos a possibilidade de ofertar textos e atividades diferenciadas para essas crianças e jovens que se tornarão os futuros profissionais e políticos do Brasil, de acordo com a faixa etária e a idade/série, bem como sugerir propostas diversificadas para séries diferentes com uma mesma obra indígena.

É folheando, observando e lendo essas sugestões que se poderá desfrutar e compartilhar de tais conhecimentos empíricos e acadêmicos. Que tal conferir?

Walquiria Lima da Costa

Pelos caminhos das Literaturas Indígenas na Educação Básica:

Propostas de Letramento para o (re)conhecimento
e o respeito à diversidade étnica

Ilustrações: Ronald Kauã Rodrigues Oliveira



Copyright © 2022, Walquiria Lima da Costa

Editor

João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa

Coordenação Editorial

João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa

Capa

Ronald Kauã Rodrigues Oliveira

Projeto Gráfico

Ronald Kauã Rodrigues Oliveira
João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa

Revisão

Pedro Henrique de Abreu Almeida Costa e Póvoa
João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa

Diagramação

João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa

FICHA CATALOGRÁFICA

C837p Costa, Walquiria Lima da. - 1978

Pelos caminhos das Literaturas Indígenas na Educação Básica: propostas de Letramento para o (re)conhecimento e o respeito à diversidade étnica / Walquiria Lima da Costa. - 1. ed. - Maranhão : Ed. da autora, 2022.

ISBN 000-00-00000-00-0

1. Educação 2. Literatura Indígena 3. Letramento Literário

I. Título II. Costa, Walquiria Lima da

CDD: 370

CDU: 37.09

Bibliotecário:

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.

Impresso no Brasil



Esta proposta é dedicada a todos e todas docentes que acreditam na igualdade, no respeito e na diversidade étnica, racial, religiosa, sexual, cultural, social e política desse país.



A todos aqueles que estiveram comigo desde o início deste caminhar e aos que chegaram para enriquecer, ainda mais, esse conhecimento, principalmente às forças celestiais que me regem.



“A literatura enriquece pontos de vista; instiga a ouvir, a levar em conta e a dar valor à voz do outro; desperta a vontade de ultrapassar o próprio ‘mundinho’ e alimentar-se de outras luzes”.

Maria Betânia Ferreira

Prefácio

Literatura indígena: conhecer, valorizar, respeitar.

A Literatura Indígena é uma ferramenta nova, dominada por alguns indivíduos indígenas de diversos povos. Este é um dos formatos em que os indígenas brasileiros apresentam os seus mais de 305 povos, falantes de 274 línguas que habitam todo o território (hoje) brasileiro. Indígenas invisibilizados e até desprezados pela maioria da sociedade brasileira por seu modo de ser, estar e enxergar o mundo.

Cada povo (não tribo) indígena (e não índio) é completo no estar no mundo. Um povo é conhecido por suas manifestações culturais, língua, religiosidade, medicina, alimentação, pinturas e histórias. São pelas histórias que cada povo apresenta seus deuses, heróis, milagres, suas conquistas e tudo que lhe traz orgulho. Por isso, cada povo é único, autônomo em tudo que precisa para viver.

O Brasil foi criado a partir de uma violenta invasão dos portugueses em 1500. Com suas armas de fogo e armaduras de metais, logo dominaram os indígenas e suas armas de madeira e fibras. As meninas indígenas foram pegas à laços pelos portugueses, que as violentaram para parir o Brasil. Foram mortos, brutalmente, mais de 7000 nações indígenas espalhadas por todo o território que hoje se chama Brasil.

Muitos indígenas foram obrigados a trabalhar como escravos. Foram separados dos ditos civilizados em pequenos territórios. Não se podia falar a língua, nem manifestar sua cultura. A ideia era eliminar os indígenas ou torná-los integrantes da sociedade brasileira até o final do século XX.

Resistimos! E, hoje, muitos povos indígenas conquistaram um território e o direito de usufruto, onde podem manifestar suas culturas e cuidar da mãe-terra, uns dos outros e proteger todos os seres que moram neste território, que muitos brasileiros invadem, derrubam a floresta, garimpam matando rios, levam doenças e usam de violência contra os protetores da floresta, que

morrem lutando para que as florestas e rios não morram e todo o mundo sofra com a aquecimento, falta de água e alimentos. É uma responsabilidade de todos os humanos cuidar e proteger os viventes do planeta.

Escrever é uma ferramenta antiga, no entanto, muitos povos não possuem nem escrita. Escritores, pesquisadores, historiadores, políticos sempre apresentaram as culturas indígenas conforme seus interesses, mas, nós indígenas, aos poucos temos rompido as forças contrárias e começamos a falar por nós mesmos, por diversos meios e um deles é a escrita.

Escrever é uma profissão como qualquer outra, que a humanidade desenvolveu e, portanto, qualquer humano, não importando onde nasceu, pode usar. Quando falamos, por nós mesmos, há credibilidade, força, orgulho.

A literatura indígena tem ganhado força e espaço, para falarmos não apenas de nossas histórias tradicionais, mas falar da história que os vencedores não contam. Escrevemos como realmente funciona a nossa cultura e a diferença de cada povo e suas belezas, sabedorias. Damos vozes para as florestas, bichos e seres que ajudaram na formação do mundo que conhecemos.

Nesta literatura, há poesia, encantamentos, belezas, ensinamentos, respeito por todas as vidas e como cuidamos da nossa Mãe maior, a Natureza, que fornece tudo para existirmos.

Ensinar sobre os povos indígenas nas escolas é uma missão dos educadores e profissionais da educação, com a força da Lei 11.645/08. Mas há falhas no MEC, na academia, por não prepararem educadores para este fim, no judiciário por não obrigar o MEC a executar a Lei.

O que ainda faz acontecer a aplicação são alguns profissionais mais humanos e comprometidos com o ensinamento dos alunos, que tomam iniciativas de ensinar história e cultura indígena em sala de aula, buscando formação e informações de como aplicar os conhecimentos tradicionais e a importância destes povos na formação do povo brasileiro, como essa Proposta feita com maestria pela professora Walquiria, que reflete as minhas palavras aqui destinadas para todos os brasileiros.

Cristino Wapichana

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Graça Lima, autora de Abaré (2009)	12
Figura 2: capa de Abaré (2009), de Graça Lima, publicado pela editora Paulus	13
Figura 3: Tiago Hakiy, autor de Noite e dia na aldeia (2014).....	14
Figura 4: capa de Noite e dia na aldeia (2014), de Tiago Hakiy, publicado pela editora Positivo	15
Figura 5: Cristino Wapichana, autor de A oncinha (2014)	16
Figura 6: capa de A oncinha (2014), de Cristino Wapichana, publicado pela editora Edebe	17
Figura 7: Eliane Potiguara, autora de O coco que guardava a noite (2005)	21
Figura 8: capa de O coco que guardava a noite (2005), de Eliane Potiguara, publicado pela editora Mundo Mirim	21
Figura 9: Marie-Thérèse Kowalczyk, autora de Poemas da minha terra Tupi (2018)	27
Figura 10: capa de Poemas da minha terra Tupi (2018), de Maté (Maria-Thérèse Kowalczyk), publicado pela Editora Bico de LLacre ...	29
Figura 11: Auritha Tabajara, autora de Coração na aldeia, pés no mundo (2018)	37
Figura 12: capa de Coração na aldeia, pés no mundo (2018), de Auritha Tabajara, publicado pela Editora Uk'a	37
Figura 13: Graça Graúna	43
Figura 14: Aline Rochedo Pachamama	43
Figura 15: Márcia Wayna Kambeba	43
Figura 16: Lia Minapoty e Yaguarê Yamã	44
Figura 17: Daniel Munduruku	44
Figura 18: Gersem Baniwa	44
Figura 19: Olívio Jekupé	45
Figura 20: Ely Macuxi	45
Figura 21: Ailton Krenak	45

Sumário

1. DANDO OS PASSOS INICIAIS	11
2. ANDAR É PRECISO: A EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.1 Abaré.....	12
2.2 Noite e dia na Aldeia.....	14
2.3 A oncinha Lili	16
2.4 Depois desse andar, é hora de caminharmos juntos	18
3. NA RODA DE SABERES: O ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
3.1 O coco que guardava a noite	21
3.2 Poemas da minha terra Tupi.....	27
3.3 Devemos parar ou buscar novos saberes?.....	34
4. O TRAÇAR DOS FIOS DE SABERES: O ENSINO MÉDIO	35
4.1 Coração na aldeia, pés no mundo	36
4.2 Até onde podemos ir?	42
5. UM POUCO MAIS DE REFERÊNCIAS INDÍGENAS	43
6. UM DESCANSO PARA PROSEGUIR DEPOIS	46
REFERÊNCIAS	48

1. DANDO OS PASSOS INICIAIS

Abraçar a docência é abraçar muitos mundos e sonhos. É participar do processo individual e coletivo da aprendizagem, da construção desses sonhos, do caminhar do aluno.

Abraçar a docência também é se colocar como um eterno aprendiz que busca novos textos literários, novas metodologias e que sempre procura inovar para que sua aula saia do comodismo.

Nesse contexto, trabalhar a literatura dos povos nativos brasileiros é oportunizar para essas crianças e jovens um novo olhar para com aqueles que são os primeiros povos do país, apresentando sua cultura, seus saberes e tradição por meio das narrativas contadas pelos próprios indígenas.

Assim, esta Proposta surge como produto final do Mestrado em Letras, da linha de pesquisa Literatura, Diálogos e Saberes, da UEMASUL.

Ela está dividida em quatro tipos de propostas, de acordo com cada etapa de ensino: Letramento literário para a Educação infantil, Letramento literário para os anos iniciais do Ensino Fundamental, Letramento literário para os anos finais do Ensino Fundamental e Letramento literário para o Ensino Médio.

Portanto, esta proposta é só mais um meio para que os docentes possam pensar e utilizar as literaturas indígenas como fonte de saberes e visibilidades desses povos que foram silenciados nesses séculos de genocídios e epistemicídios.

Walquiria Lima da Costa

Imperatriz, Maranhão, 04 de julho de 2022



2. ANDAR E PRECISO: A EDUCAÇÃO INFANTIL

O processo de ensino-aprendizagem para a criança da etapa Educação Infantil se constitui a partir do brincar, das contações de histórias e do compartilhar dos afazeres diários. Assim, para que elas tenham contato com as mais diversas narrativas, os pais e os professores se tornam mediadores de leitura.

Por meio dessa mediação, essas crianças têm a possibilidade de conhecer as mais diversas histórias e narrativas indígenas. Portanto, é a partir desse contato diário com textos literários que a criança vai aprimorando o seu pensar, o seu agir e o seu convívio social, pois a literatura permite que todos sejam vistos com igualdade, já que para essa criança é difícil diferenciar o eu do outro.

Nesse contexto, o contato com as obras indígenas, mediadas pelo professor, possibilitará à criança conhecer os mais diversos povos originários do Brasil e também pode refletir sobre o seu contexto familiar e sua relação com o meio ambiente.

Assim, essa proposta começa com a obra “Abaré”, de Graça Lima. Abaré é amigo de todos, é uma criança que tem liberdade de brincar, de ser e de sonhar.

Na sequência, a obra “Noite e dia na aldeia”, de Tiago Hakiy, apresenta o cotidiano dos povos nativos, bem como a riqueza de ilustrações. E como última proposta, a obra “A oncinha Lili”, de Cristino Wapichana apresenta a relação familiar da oncinha no seu habitat natural, ou seja, com a floresta.

2.1 Abaré

Começaremos pela obra “Abaré”, de Graça Lima (2009), distribuída pelo PNBE de 2012, publicada pela editora Paullus.

GRAÇA LIMA



É carioca, formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ e fez o Mestrado na PUC-Rio. Ganhou vários prêmios com seu trabalho, entre eles os da FNLIJ Prêmio Luis Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O Melhor para o Jovem e muitos Altamente Recomendável. Foi indicada entre os finalistas para o prêmio Jabuti muitas vezes e recebeu em 1982, 1984 e 2003 este prêmio na categoria de ilustração. Fora do Brasil recebeu quatro vezes a Menção White Ravens da Biblioteca de Munique na Alemanha.

Alguns de3 seus trabalhos já viajaram por outros países e foram publicados em catálogos Internacionais como o Catálogo de Ilustradores da Feira de Barcelona, na Espanha; e da Feira de Frankfurt,

Pelos caminhos das Literaturas Indígenas na Educação Básica: propostas de Letramento para o (re)conhecimento e o respeito à diversidade étnica

na Alemanha, o Catálogo da Feira da Bratislava; e o Catálogo Brazil a Bright Blend of Colours, feito pela FNLIJ para divulgar o trabalho dos ilustradores brasileiros. Também atua como professora de Metodologia Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Pela Global Editora, ilustrou e escreveu *É Hoje! e Corre, Caio!*
Fonte: Grupo Editorial Global

Figura 1: Graça Lima, autora de *Abaré* (2009).

Abaré é uma obra de linguagem visual, cuja personagem protagonista é uma criança indígena e seu enredo se baseia no cotidiano dessa criança. É importante ressaltar que não é de autoria indígena, mas é uma obra que traz uma temática indígena. E foi escolhida para fazer parte desta proposta por ser um livro que está disponível nas escolas de Educação Infantil e foi distribuído no PNBE, edição de 2012. A obra traz um texto narrativo-descritivo sobre as aventuras desse curumim.

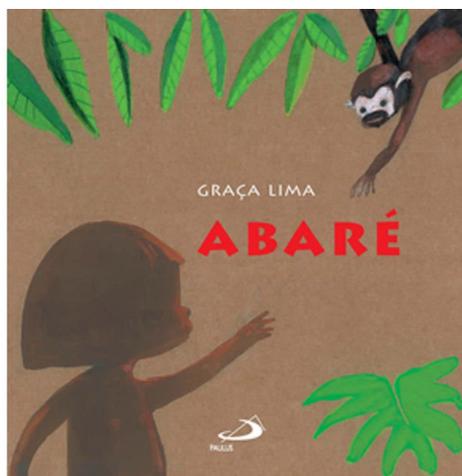


Figura 2: capa de *Abaré* (2009), de Graça Lima, publicado pela editora Paullus.

Possíveis temas que podem ser trabalhados:

- ★ Leitura e compreensão do texto;
- ★ O recontar da história;
- ★ Família;
- ★ Diferenças entre criança indígena e não indígena;
- ★ O cotidiano de cada um;
- ★ Brincadeiras;
- ★ Tipos de moradia;
- ★ Tipos de vegetação: mata e floresta;



- ★ Diferença entre rio, lago e mar;
- ★ Tipos de animais;
- ★ Sons da mata;
- ★ Instrumentos musicais;
- ★ Números/quantidades.
- ★ Cores;
- ★ Diferença entre dia e noite.

Campo de experiências e habilidades:

1. O eu, o outro e o nós: (EI03EO06);
2. Corpo, gestos e movimentos: (EI03CG01), (EI03CG02), (EI03CG04);
3. Traços, sons, cores e formas: (EI03TS01), (EI03TS02);
4. Escuta, fala, pensamento e imaginação: (EI03EF03), (EI03EF04), (EI03EF05);
5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: (EI03ET02), (EI03ET05), (EI03ET06), (EI03ET07).

2.2 Noite e dia na Aldeia

A segunda obra apresentada é de autoria do escritor indígena Tiago Hakiy, publicada pela Editora Positivo, em 2014.

TIAGO HAKIY

É poeta, escritor e contador de histórias tradicionais indígenas. De Barreirinha, estado do Amazonas, descende do povo sateré-mawé. É autor de vários livros: *Auyatô-pôt: histórias indígenas para crianças*, *Águas do Andará*, *Petrópolis*. Tem textos publicados nas antologias A quinta estação e Antologia poética dos escritores indígenas. É membro do Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas (NEARIn). Em 2012 foi vencedor do Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. Formado em Biblioteconomia pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas), mora no coração denso da floresta amazônica, onde ocupa o cargo de Assessor Especial, na prefeitura municipal de Barreirinha.

Fonte: Grupo Autêntica



Figura 3: Tiago Hakiy, autor de *Noite e dia na aldeia* (2014).

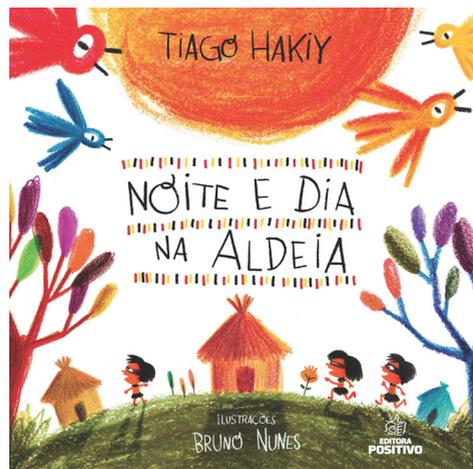


Figura 4: capa de *Noite e dia na aldeia* (2014), de Tiago Hakiy, publicado pela editora Positivo.

Em “**Noite e dia na aldeia**”, a história é contada em forma de poema, com rimas e 4 versos em cada estrofe. São dois versos em cada página. É uma obra rica em imagens que também aborda sobre a rotina dos povos nativos: tomar banho quando acorda, brincar, trabalhar, ouvir histórias, etc. Não possui um personagem central, pois a vida na aldeia é a protagonista. Como possíveis temas, pode-se abordar:

Possíveis temas que podem ser trabalhados:

- ★ Diferença entre dia e noite;
- ★ Horas;
- ★ O que é uma aldeia;
- ★ Tipos de moradia;
- ★ Desenhos/cores/formas;
- ★ Diferença entre Sol, Lua e Estrelas;
- ★ A oposição entre frio e calor (quente);
- ★ Tipos de animais domésticos e selvagens;
- ★ A relação das fogueiras na hora da contação de histórias para o povo indígena;
- ★ Memórias/histórias contadas pelos avós;
- ★ Culturas e tradições: danças e rituais;

- ★ Diferença entre mata e floresta;
- ★ Tipos de alimentos;
- ★ Objetos indígenas (arte);
- ★ Diferença entre a rotina indígena e a do não indígena;
- ★ Povos indígenas: quem são;
- ★ Nomes, palavras e expressões indígenas;
- ★ Tipos de trabalho.

Campo de experiências e habilidades:

1. O eu, o outro e o nós: (EI03EO06), (EI03EO04), (EI03EO05), (EI03EO06);
2. Corpo, gestos e movimentos: (EI03CG02), (EI03CG03), (EI03CG04);
3. Traços, sons, cores e formas: (EI03TS02);
4. Escuta, fala, pensamento e imaginação: (EI03EF01), (EI03EF02), (EI03EF03), (EI03EF04), (EI03EF06), (EI03EF085);
5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: (EI03ET01), (EI03ET03), (EI03ET06), (EI03ET07).

2.3 A oncinha Lili

A terceira proposta para a Educação Infantil é a obra **A oncinha Lili**, de Cristino Wapichana (2014), publicada pela Editora Edebe.

CRISTINO WAPICHANA



Cristino Wapichana, é escritor, músico, compositor, cineasta e contador de histórias. Patrono da Cadeira 146 da Academia de Letras dos Professores (ALP) da cidade de São Paulo. É autor do livro *A Boca da Noite*, traduzido para o dinamarquês e sueco, este vencedor da Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan 2018, do International Board on Books for Young People (IBBY); Escritor brasileiro escolhido pela Seção IBBY Brasil para figurar a Lista de Honra do IBBY 2018: Prêmio FNLIJ 2017 nas categorias Criança e Melhor Ilustração; Prêmio Jabuti 2017; Finalista do Prêmio Jabuti 2019. Selo White Revens – Biblioteca de Munique

– 2017. Medalha da Paz – Mahatma Gandhi 2014. Livros selecionados para o clube de leitura da ONU 2021. Selo cátedra 10 da UNESCO Puc Rio 2022.

Figura 5: Cristino Wapichana, autor de *A oncinha* (2014).



A temática principal da narrativa é quem sou eu, dentro do contexto familiar. Os temas estão relacionados aos valores familiares. Como também é rica em ilustrações, a obra apresenta uma descrição visual do ambiente, da própria personagem e de sua família, na sua rotina diária. Temas possíveis para trabalhar:

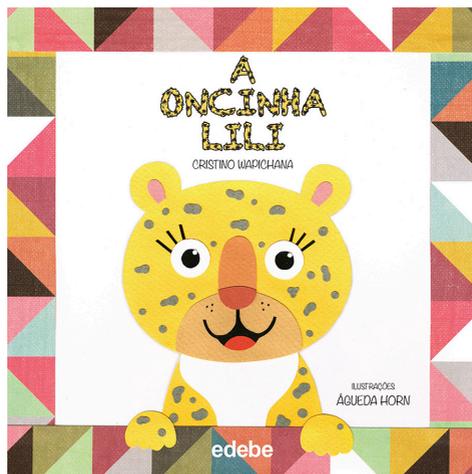


Figura 6: capa de *A oncinha* (2014), de Cristino Wapichana, publicado pela editora Edebe

Possíveis temas que podem ser trabalhados:

- ★ Tipos de animais;
- ★ Animais em extinção;
- ★ Composição familiar;
- ★ Ancestralidades;
- ★ Valores sociais e morais;
- ★ Sentimentos;
- ★ Termos descritivos: características físicas e psicológicas;
- ★ Ambiente natural e artificial;
- ★ Cores/formas/expressões;
- ★ Números/quantidade/ordem;
- ★ Tipos de alimentos;
- ★ Dia e noite;
- ★ Horas.

Campo de experiências e habilidades:

1. O eu, o outro e o nós: (EI03EO05), (EI03EO06);
2. Corpo, gestos e movimentos: (EI03CG01), (EI03CG02), (EI03CG04);
3. Traços, sons, cores e formas: (EI03TS02);
4. Escuta, fala, pensamento e imaginação: (EI03EF03), (EI03EF04), (EI03EF05), (EI03EF06);
5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: (EI03ET03), (EI03ET06), (EI03ET07).

2.4 Depois desse andar, é hora de caminharmos juntos

O convívio social da criança começa no seio familiar, mas se expande para outros contextos, dos quais a escola faz parte, isso quando ela consegue ser matriculada em uma das poucas creches ou nas turmas do pré-escolar existentes no bairro onde reside.

De acordo com o Censo Escolar 2021, na rede municipal de ensino de Imperatriz/MA, havia 4.030 crianças matriculadas em creches, em regime parcial de atendimento, enquanto só 561 estavam em regime integral. Já na etapa do pré-escolar, 5.752 crianças estavam matriculadas.

Isso significa que essas crianças tiveram a oportunidade de ouvir diversas narrativas mediadas pelo(a) professor(a), a partir da apresentação visual de um livro ou da caracterização de um ou mais personagens, além da possibilidade de manusear a própria obra. Assim, os primeiros contatos com o letramento literário, dentro de uma instituição de ensino, ocorrem nesta etapa.

Desse modo, percebe-se que, com a proposta de letramento literário em literaturas indígenas, há inúmeras possibilidades de se abordar essas narrativas dentro das salas de aulas de Educação Infantil. O mais importante é o docente ter um olhar voltado para essas literaturas, sendo pesquisador e mediador, sempre ressaltando a importância dos povos indígenas para a formação da população brasileira e para a preservação do meio ambiente.

Portanto, as obras literárias indígenas podem ser adaptadas para qualquer etapa de ensino. Vale ressaltar que, para educação infantil, se

prioriza livros visuais ou com poucos textos verbais. Assim, a criança poderá folheá-los e recontar as histórias lidas, uma vez que ela já tem uma pequena, mas significativa, leitura de mundo.

3. NA RODA DE SABERES: O ENSINO FUNDAMENTAL

A etapa dos nove anos do Ensino Fundamental é de extrema relevância para o processo de ensino-aprendizagem da criança matriculada na Educação Básica. Isso porque, é nessa fase, que ela adquire os alicerces dos multiletramentos essenciais para a vida em sociedade.

Dessa forma, a criança ao ser inserida nas séries iniciais do Ensino Fundamental, precisamente nos três primeiros anos, vivenciará os processos de alfabetização e letramento no qual a leitura visual é base fundamental, assim, o início da leitura das palavras e dos pequenos textos se torna incentivo para aprimorar esse letramento, possibilitando um contato maior com a diversidade literária destinada para cada ano de ensino.

Nesse contexto, as literaturas indígenas, assim como as demais literaturas, tornam-se obrigatórias na rotina diária das escolas nas quais as salas possuem um canto de leitura ou uma biblioteca escolar.

Dessa forma, os docentes podem escolher obras para serem trabalhadas, mensal ou bimestralmente, de acordo com a escolha e a proposta pedagógica da escola. Essas literaturas abordam os mais diversos temas e se tornam uma possibilidade para que se cumpra a determinação da Lei 11.645/08, que traz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena brasileira.

Mediante a isso, e de acordo com as distribuições do PNLD Literário ou do antigo PNBE, são poucas as obras de autoria indígena encontradas nas escolas, o que dificulta para que o docente possa utilizá-las. Dessa forma, caso o docente deseje conhecer mais dessas literaturas, elas estão acessíveis nas redes sociais, esperando a oportunidade de adentrar nas escolas.

Vale lembrar que as propostas de letramento aqui apresentadas são exemplos para que o docente possa se espelhar, buscar outras obras e trabalhar as narrativas dos povos originários.

3.1 O coco que guardava a noite

Como proposta de letramento para o **Ensino Fundamental - Anos Iniciais**, será apresentada a obra literária indígena “O coco que guardava a noite”, de Eliane Potiguara, publicada em 2005, pela editora Mundo Mirim.

ELIANE POTIGUARA



Nasceu em 1950, no Rio de Janeiro. Formada em Letras e Educação/UFRJ, é escritora e professora. É de origem potiguara, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas no país (GRUMIN/Grupo Mulher-Educação Indígena) e coparticipante da criação e evolução do Movimento Indígena Brasileiro. Foi eleita uma das 10 mulheres do ano no Brasil (1988), participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU em Genebra, recebeu o título de Cidadã Internacional pela Comunidade Bah'ái, é escritora e foi premiada pelo Pen Club da Inglaterra pelo seu livro *A Terra é a Mãe de Índio*. É embaixadora da Paz pelo Círculo de poetas e escritores da França e

Suíça, e autora de *Metade Cara, Metade Máscara*.

Fonte: Editora do Brasil S/A

Figura 7: Eliane Potiguara, autora de *O coco que guardava a noite* (2005).

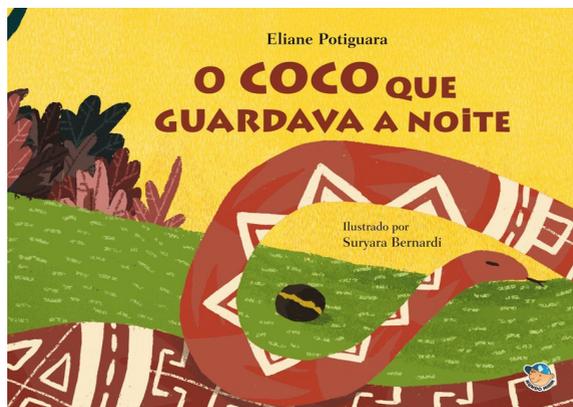


Figura 8: capa de *O coco que guardava a noite* (2005), de Eliane Potiguara, publicado pela editora Mundo Mirim

A obra aborda sobre a origem da noite, na versão Karajá. Essa narrativa se entrelaça com a história das personagens Tajira e Poty, que não queriam dormir, mas sua mãe, com muita sabedoria, vai introduzindo a narrativa e os fazendo entender da importância de deixar o corpo descansar. Além dessa temática, ainda descreve a relação de comunicação entre a mãe e os filhos, fazendo referência a valores éticos e morais. Como possibilidades de temas,

para trabalhar com o alunado do 2º ano, podemos destacar:

- ★ Grafismos, cores e formas;
- ★ Termos descritivos – Características físicas e psicológicas;
- ★ Dia e noite - relação com as horas;
- ★ Tipos de moradias;
- ★ Objetos e utensílios de fabricação indígena;
- ★ Composição familiar indígena e não indígena;
- ★ Valores e virtudes;
- ★ O corpo humano;
- ★ Os cuidados com a saúde: a necessidade de dormir, de se alimentar, de ter higiene;
- ★ As fases da criança;
- ★ Histórias: mitos e lendas de tradição indígena x folclore brasileiro;
- ★ Clima e vegetação;
- ★ Sol, lua e estrelas;
- ★ Estações;
- ★ Tipos de trabalho;
- ★ Tipos de palmeiras;
- ★ Animais;
- ★ A mulher nas narrativas indígenas;
- ★ Instrumentos musicais;
- ★ Seres encantados / misticismo - sincretismo religioso;
- ★ Ancestralidade – memória e identidade;
- ★ Termos e expressões indígenas;
- ★ Elementos da narrativa;
- ★ Povos Karajá.

Percebe-se que, com uma única obra literária indígena, pode-se trabalhar uma diversidade de temas e disciplinas, não mais necessariamente apenas nas disciplinas de História e Arte. Mas para isso ocorrer é necessário que o docente possa ser esse facilitador e incentivador de novos saberes, novas descobertas para essas crianças. Na sequência, apresenta-se os campos e as habilidades para se trabalhar a obra “O coco que guardava a noite”, por disciplina:

Disciplina: **LÍNGUA PORTUGUESA**

Prática de linguagem: Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)

I - Todos os campos de atuação/habilidades:

Reconstrução das condições de produção e recepção de textos: (EF15LP01).

Estratégia de leitura: (EF15LP02), (EF15LP04).

Decodificação/ fluência de leitura: (EF12LP01).

Formação de leitor: (EF12LP01).

II - Campo artístico-literário/habilidades:

Formação do leitor literário: (EF15LP15), (EF02LP26).

Leitura colaborativa e autônoma: (EF15LP16).

Formação do leitor literário/leitura multissemiótica: (EF15LP18).

Prática de linguagem: Escrita (compartilhada e autônoma)

I - Campo Artístico-literário:

Escrita autônoma e compartilhada: (EF02LP27).

Prática de linguagem: Oralidade

I - Todos os campos de atuação/habilidades:

Escuta atenta: (EF15LP10).

Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala: (EF15LP12).

Relato oral/registo formal e informal: (EF15LP13).

II - Campo artístico-literário/habilidades:

Contação de histórias: (EF15LP19).

Prática de linguagem: Análise linguística/semiótica (alfabetização)

I - Todos os campos de atuação/Campo da vida cotidiana/habilidades:

Construção do sistema alfabético e da ortografia: (EF02LP02), (EF02LP03), (EF02LP04), (EF02LP05).

Morfologia: (EF02LP11).

II - Campo artístico-literário/habilidades:

Formas de composição de textos poéticos visuais: (EF02LP29).

Disciplina: **ARTE**

Linguagem artística: **Artes visuais**

Matrizes estéticas e culturais: A produção artística visual dos povos indígenas do Maranhão, das diversas etnias. Artesanato e outros objetos: (EF15AR03), (EF15AR24).

Elementos da linguagem: Elementos da linguagem visual: a forma; formas básicas: (EF15AR02).

Linguagem artística: **Artes**

Contextos e práticas: Manifestação teatral e em diferentes contextos: contar e dramatizar histórias de diferentes povos; narrar e dramatizar um acontecimento: (EF15AR18).

Disciplina: **EDUCAÇÃO FÍSICA**

Unidade temática: **Brincadeiras e jogos**

Brincadeiras e jogos de cultura popular presentes no contexto comunitário e regional. Jogos de salão ou tabuleiro. Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo. Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana das comunidades quilombolas e/ou indígenas em que estejam inseridas. Brincadeiras e jogos adaptados: (EF12EF01), (EF12EF02).

Disciplina: **MATEMÁTICA**

Unidade temática: **Números**

Leitura, escrita, comparação e ordenação de números de até três ordens pela compreensão de características do sistema de numeração decimal (valor posicional e papel do zero): (EF02MA02), (EF02MA03).

Unidade temática: **Geometria**

Localização e movimentação de pessoas e objetos no espaço, segundo pontos de referência, e indicação de mudanças de direção e sentido: (EF02MA12).

Figuras geométricas espaciais (cubo, bloco retangular, pirâmide, cone, cilindro e esfera): reconhecimento e características: (EF02MA14).

Figuras geométricas planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo): reconhecimento e características: (EF02MA15).

Unidade temática: **Grandezas e medidas**

Medidas de tempo: intervalo de tempo, uso do calendário, leitura de horas em relógios digitais e ordenação de datas: (EF02MA18).

Unidade temática: **Probabilidade e estatística**

Análise da ideia de aleatório em situações do cotidiano: (EF02MA21).

Disciplina: **CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Unidade temática: **Matéria e energia**

Propriedades e usos dos materiais. Prevenção de acidentes domésticos: (EF02CI01), (EF02C102).

Unidade temática: **Vida e evolução**

Seres vivos no ambiente. Plantas: (EF02C104), (EF02C105).

Unidade temática: **Terra e universo**

Movimento aparente do Sol no céu. O Sol como fonte de luz e calor: (EF02C107), (EF02C108).

Disciplina: **GEOGRAFIA**

Unidade temática: **O sujeito e seu lugar no mundo**

Convivência e interações entre pessoas na comunidade: (EF02GE01).

Riscos e cuidados nos meios de transporte e de comunicação: (EF02GE02).

Unidade temática: **Conexões e escalas**

Experiências da comunidade no tempo e no espaço: (EF02GE04).

Unidade temática: **Mundo do trabalho**

Tipos de trabalho em lugares e tempos diferentes: (EF02GE06).

Unidade temática: **Formas de representação e pensamento espacial**

Localização, orientação e representação espacial: (EF02GE08).

Unidade temática: **Natureza, ambientes e qualidade de vida**

Os usos dos recursos naturais: solo e água no campo e na cidade: (EF02GE11).

Disciplina: **HISTÓRIA**

Unidade temática: **A comunidade e seus registros: transformações dos espaços urbanos e rurais**

A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas. Reconhecimento dos espaços de sociabilidade urbanos e rurais: (EF02HI01), (EF02HI02), (EF02HI03).

A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço: (EF02HI04).

O tempo como medida: (EF02HI06), (EF02HI07).

Unidade temática: **As formas de registrar as experiências da comunidade**

As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologia e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais, com enfoque também nas representações maranhenses: (EF02HI08), (EF02HI09).

Unidade temática: **O trabalho e a sustentabilidade na comunidade**

A sobrevivência e a relação com a natureza: (EF02HI10), (EF02HI11).

Disciplina: **ENSINO RELIGIOSO**

Unidade temática: **Identidades e alteridades**

O eu, a família e o ambiente de convivência: (EF02ER01), (EF02ER02).
Memórias e símbolos: (EF02ER03), (EF02ER04).

3.2 Poemas da minha terra Tupi

Para o **Ensino Fundamental – Anos Finais**, será utilizada a obra literária “Poema da minha terra Tupi”, de Maté (Maria-Thérèse Kowalczyk), publicado em 2018, pela Editora Bico de LLacre.

MARIE-THÉRÈSE KOWALCZYK



Maté é o pseudônimo de Marie-Thérèse Kowalczyk. Artista plástica, ilustradora e autora de livros infantis. Nasceu na França em 1959. Neta de imigrantes poloneses, passou a infância e a adolescência na região de Saint-Etienne, uma bacia hulheira onde a extração do carvão mineral se dava em meio a antigas áreas agrícolas. Desde 2012, vem se dedicando exclusivamente à profissão de autora e ilustradora para poder participar de salões, oficinas e encontros com os pequenos leitores, em escolas públicas e particulares. Hoje usa tanto a imagem quanto a palavra para contar histórias. Histórias

fantásticas de povos esquecidos e animais ameaçados, mas também histórias engraçadas com muito afeto e imaginação. Já publicou seis livros como ilustradora e nove como autora e ilustradora, com vários títulos merecendo o selo “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil e circulando nas bibliotecas escolares de todo o país.

Fonte: Grupo Editorial Global

Figura 9: Marie-Thérèse Kowalczyk, autora de *Poemas da minha terra Tupi* (2018).

A obra também faz parte do PNLD literário (2019), literatura indianista, destinada aos alunos do Ensino Fundamental. Dentro da classificação de gênero textual, está classificada como poesia infantojuvenil brasileira.

Contém 14 poesias que abordam sobre a Serra de Mantiqueira e suas belezas naturais, animais, desmatamento, forma de comunicação, piracema, histórias de pescador, desmoraamentos, processo de urbanização, o uso de termos indígenas e encontro das águas na pororoca. Todos os temas estão relacionados aos aspectos geográficos e naturais, em relação ao meio ambiente e suas transformações, principalmente, em consequência das ações humanas e do “progresso”.

É uma obra rica em imagens ilustrativas que dialogam com cada poesia. A capa, por exemplo, traz um contexto da floresta, com animais específicos dessa região, na qual a onça pintada, o macaco mão-de-ouro e a jandaia vivem em harmonia, além de ter, como primeiro plano, um curumim com suas vestimentas e cocá feitos de penas. Na folha de rosto, as imagens já simbolizam elementos pertencentes às culturas, aos contos, lendas e mitos indígenas, na representação do guaraná, do tatu e do grafismo nas cores vermelha(urucum) e preta (jenipapo).

Vale ressaltar que, apesar de abordar temáticas indígenas e ao meio ambiente, esta obra não pode ser considerada indígena, pois sua autora é de origem polonesa. Assim esta literatura é considerada indianista. Para ser literatura indígena, ela deve ser escrita/transcrita por autores indígenas.

Por ser um livro de poesias, apresentaremos a proposta de letramento para a poesia “A valsa dos bichos”, localizada nas páginas 8 e 9, composta por 16 versos, divididos em 2 estrofes, sendo a primeira com 14 versos. Tem versos rimados, com rimas paralelas e intercaladas. Além de usar palavras coloquiais (*tá, sabe e jururu*), cada verso tem entre 01 e 04 palavras.

O termo “valsa” é usado em sentido metafórico, possibilitando entender que os bichos praticaram a ação de dançar, mas, no último verso, essa interpretação é desconsiderada pelo uso do termo “dançou”, com significado de perda. Perdeu o habitat natural em consequência do desmatamento. Um outro ponto para análise é a ilustração. Nela se observa as expressões de tristeza, abandono, preocupação.

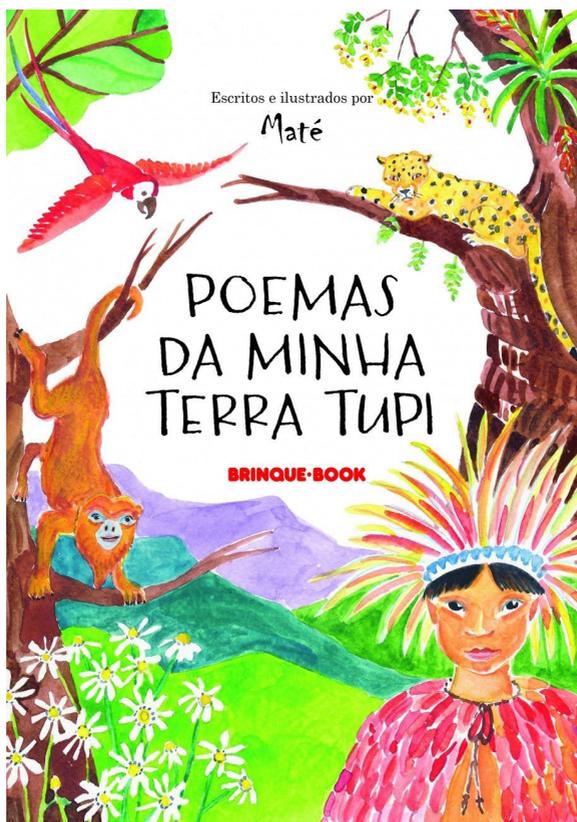


Figura 10: capa de *Poemas da minha terra Tupi* (2018), de Maté (Maria-Thérèse Kowalczyk), publicado pela Editora Bico de LLacre.

Dentro da interdisciplinaridade entre Português e outras disciplinas, como ciências, geografia, história e matemática, proposta para o 8º ano, é possível trabalhar os seguintes temas:

- ★ Palavras e expressões;
- ★ Fauna e flora;
- ★ Preservação do meio ambiente;
- ★ Desmatamento;
- ★ Animais em extinção;
- ★ Hidrografia;

- ★ Seca;
- ★ Valores sociais e morais;
- ★ Capitalismo;
- ★ Processo de urbanização/habitação;
- ★ Estatística: áreas desmatadas, migração, etc.

Disciplina: **PORTUGUÊS**

Prática de linguagem: **Leitura**

Campo artístico-literário/habilidades:

Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção:
(EF69LP44), (EF69LP46).

Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos
provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos:
(EF69LP47), (EF69LP48).

Adesão às práticas de leitura: (EF69LP49).

Relação entre textos: (EF89LP32).

Estratégias de leitura. Apreciação e réplica: (EF89LP33).

Prática de linguagem: **Produção de texto**

Campo jornalístico/midiático/habilidades:

Textualização: (EF69LP07).

Campo artístico-literário/habilidades:

Construção da textualidade: (EF89LP35).

Relação entre textos: (EF89LP36).

Prática de linguagem: **Oralidade**

Campo jornalístico/midiático/habilidades:

Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados:
(EF89LP12).

Campo artístico-literário/habilidades:

Produção de textos orais. Oralização: (EF69LP53).

Prática de linguagem: **Análise linguística/semiótica**

Todos os campos de atuação/habilidades:

Variação linguística: (EF69LP55).

Figuras de linguagem: (EF89LP37).

Disciplina: **ARTE**

Linguagem artística: **Artes visuais**

Elementos da linguagem. Elementos da linguagem visual: textura e cor: (EF69AR05).

A arquitetura como manifestação das artes visuais e patrimônio cultural: estilos arquitetônicos de diferentes localidades e épocas: (EF69AR34). Patrimônio cultural.

Disciplina: **MATEMÁTICA**

Unidade temática: **Probabilidade e estatística**

Gráficos de barras, colunas, linhas ou setores, seus elementos constitutivos e adequação para determinado conjunto de dados: (EF08MA23).

Disciplina: **CIÊNCIAS NATURAIS**

Unidade temática: **Terra e universo**

Clima: (EF08C116).

Disciplina: **GEOGRAFIA**

Unidade temática: **Conexões e escalas**

Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial: (EF08GE10).

Unidade temática: **Natureza, ambientes e qualidade de vida**

Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina: (EF08GE22), (EF08GE23).

Disciplina: **HISTÓRIA**

Unidade temática: **O Brasil no século XIX**

A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o Romantismo no Brasil. Grupo Maranhense do Romantismo e os Novos Atenienses: (EF08HI22).

Unidade temática: **Configurações do mundo no século XIX**

O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas. A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória: (EF08HI27).

3.3 Devemos parar ou buscar novos saberes?

Assim como a educação infantil, o ensino fundamental é base na construção do processo de alfabetização e letramento da criança. É a partir deste alicerce que ela se prepara para adentrar no ensino médio, como também é nessa etapa que suas relações sociais e culturais são formadas, assim como seus valores éticos e morais.

Nesse contexto, as literaturas auxiliam tanto no conhecimento como nas rupturas de visões estereotipadas que a sociedade continua a disseminar sobre os povos nativos do Brasil.

Portanto, as propostas literárias, aqui apresentadas, se tornam um pontapé inicial para que os docentes das escolas públicas de Imperatriz possam assegurar o que exige a lei 11.645/08, que é trabalhar a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade, voz e vez a esses povos que foram silenciados durante séculos.

4. O TRAÇAR DOS FIOS DE SABERES: O ENSINO MÉDIO

O **Ensino Médio**, para muitos jovens, se torna a última etapa da educação. Isso ocorre por diversos motivos que vão desde a necessidade de adentrar no mercado de trabalho até a visão de que não há um porquê de continuar com os estudos acadêmicos. Dessa forma, cada dia em sala de aula, as estratégias, as interações entre professores e alunos, os conteúdos abordados podem ser determinantes nessa decisão. Por isso, deve-se levar em consideração que o Brasil é

um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, *com* acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, *cujos* sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. (BNCC - EM, *online*, p. 15, grifos nossos).

Nesse contexto, a BNCC também esclarece que

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos (*idem*).

Buscando essa formação para se definir o projeto de vida de cada estudante, a BNCC (*online*, *s/p*) também nos apresenta as finalidades que a “**escola que acolhe as juventudes**” deve levar em consideração, sendo um total de 21, das quais quatro são fundamentais para trabalharmos a Literatura Indígena. São elas:

[...]

valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida;

[...]

compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;

[...]

combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença;

[...]

conscientizar-se quanto à necessidade de continuar aprendendo e aprimorando seus conhecimentos (idem).

Acreditando que a escola é um lugar de memórias, identidades e de ancestralidades, ela desempenha o mais importante papel, que é

[...] auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro (idem).

4.1 Coração na aldeia, pés no mundo

Assim, para trabalhar a literatura indígena como ferramenta de luta, resistência, reconhecimento, identidade e valorização da cultura e da história dos povos nativos, a proposta para esta etapa, começará com a obra **“Coração na aldeia, pés no mundo”**, de Auritha Tabajara.

É uma literatura em forma de cordel, apresentando uma autobiografia, na qual sente-se a luta interna da autora para afirmar sua identidade perante os parentes indígenas, assim como descreve sua busca por novos horizontes e sua iniciação como escritora cordelista. Aborda alguns temas pertinentes para a fase da adolescência e do contexto social ao qual estes jovens estão inseridos, como a identidade, a sexualidade e o futuro profissional.

AURITHA TABAJARA



Francisca Aurilene Gomes, nasceu num pequeno interior do Ceará, em casa pelas mãos de duas sábias parteiras, avó Francisca Gomes e Antonia Portela. Primeira neta dos avós maternos e por essa razão o nome ancestral de Auritha o qual assina suas obras literárias, cresceu ouvindo as lindas histórias de tradição contadas por sua avó. Apaixonada pela rima escreve desde que aprendeu a ler e escrever. Atualmente mora em São Paulo, é Terapeuta Holística em ervas medicinais, contadora de histórias indígenas, palestrante e oficinaira. Seu primeiro livro foi editado e adotado pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará tem como título: Magistério indígena em versos e poesias. Tem vários textos em cordéis publicados nas antologias indígenas, em revistas online como: Maria Firmino dos Reis e IHU. Sua mais recente publicação, *Coração na Aldeia pés no Mundo*. Auritha é a primeira mulher indígena a publicar livros em literatura de cordel no Brasil.

Fonte: Revista Acrobata

Figura 11: Auritha Tabajara, autora de *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018).

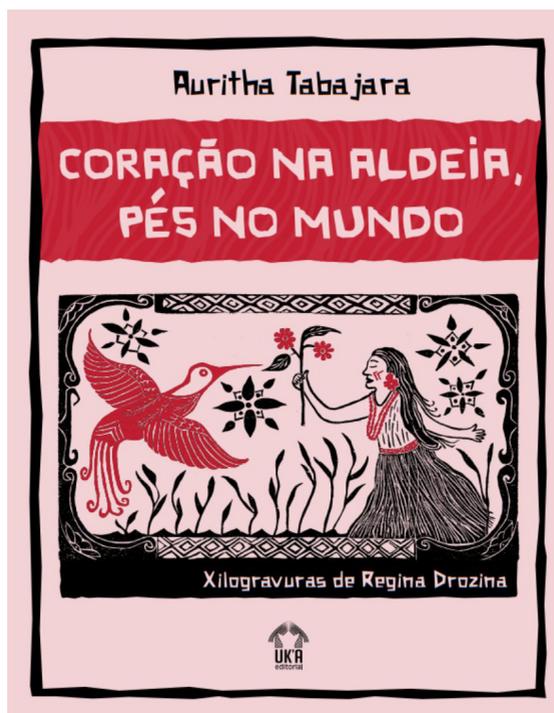


Figura 12: capa de *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Auritha Tabajara, publicado pela Editora Uk'a.

Das cinco áreas de conhecimentos para serem trabalhadas no Ensino Médio, esta proposta contempla somente quatro, relacionando as temáticas com as competências e habilidades para cada uma.

I. Linguagens e suas tecnologias

Disciplinas - **Língua Portuguesa, Literatura e Arte**

TEMAS		
<p>Gêneros: Cordel, biografia e autobiografia; Textos narrativos; Palavras e expressões identitárias indígenas; Palavras e expressões de pouco uso; Figuras de linguagem; Ditados populares; Intertextualidades A importância da mulher no protagonismo literário; Tradições e culturas indígenas; Instrumentos musicais artesanais indígenas; Xilogravura; Autores indígenas e publicações; Protagonismo indígena.</p>		
HABILIDADES		
(EM13LGG102), (EM13LGG202), (EM13LGG302), (EM13LGG601), (EM13LGG702),	(EM13LGG104), (EM13LGG203), (EM13LGG305), (EM13LGG602), (EM13LGG704).	(EM13LGG201), (EM13LGG204), (EM13LGG402), (EM13LGG603),

II. Matemática e suas tecnologias

TEMAS
Registro estatístico sobre: <ul style="list-style-type: none">★ População indígena brasileira;★ Percentual de povos indígenas na Região Nordeste, no Maranhão e na circunvizinhança de Imperatriz;★ Extensão dos territórios indígenas demarcados.
HABILIDADES
(EM13MAT202), (EM13MAT304).

III. Ciências da natureza e suas tecnologias

TEMAS
Formação do ser humano no contexto indígena; Fase da vida; Ervas medicinais.
HABILIDADES
(EM13CNT201), (EM13CNT206), (EM13CNT207), (EM13CNT208), (EM13CNT305).

A literatura indígena nos possibilita passear pelas mais diversas áreas do conhecimento. Dependendo da obra, alguns temas se correlacionam muito mais com a Filosofia, a questão transcendental, espiritual e suas cosmovisões. Nessa literatura proposta, observaremos que, além da prática de leitura, interpretação, compreensão e análise, é possível debater temas que estão diretamente relacionados ao gênero lido. O que faz com que surja mais possibilidades de debates na área das ciências humanas e sociais aplicadas, uma vez que os povos nativos fazem parte da população brasileira e devem ter seus direitos assegurados.

IV. Ciências humanas e sociais aplicadas

Disciplinas: **Geografia, Filosofia, História, Sociologia e Teologia.**

TEMAS

- **Geografia:**

- ★ Povos indígenas na Região Nordeste, no Estado do Maranhão e em Imperatriz;
- ★ Relação da seca, do sertão e da subsistência dos povos indígenas;
- ★ Clima e vegetação do Nordeste;
- ★ O contexto rural e urbano;
- ★ Fauna da Região Nordeste;
- ★ Região e regionalidade;
- ★ Mapas.

- **Filosofia:**

- ★ Relação entre a vida e a morte para os povos indígenas;
- ★ A importância dos rituais;
- ★ Identidade e memória;
- ★ Valores morais e éticos;
- ★ Gênero.

- **História:**

- ★ Processo de colonização X processo decolonial;
- ★ História dos povos Tabajara, do Estado do Ceará;
- ★ Formação da identidade étnica;
- ★ Êxodo e a perda do território.

• **Sociologia:**

- ★ Valores sociais;
- ★ Direitos da mulher/mãe;
- ★ Estatuto da criança e do Adolescente;
- ★ Tipos de assédio;
- ★ Tipos de violência;
- ★ Trabalho escravo;
- ★ Trabalho infantil;
- ★ Educação escolar indígena X educação regular.

• **Teologia:**

- ★ Valores morais, éticos e sociais;
- ★ Fábulas indígenas;
- ★ Ancestralidade e espiritualidades;
- ★ Encantados;
- ★ Pajelanças;
- ★ Rituais;
- ★ Festas religiosas;
- ★ Matrimônio.

HABILIDADES

(EM13CHS101), (EM13CHS102), (EM13CHS104), (EM13CHS202), (EM13CHS204), (EM13CHS302), (EM13CHS305), (EM13CHS402), (EM13CHS502), (EM13CHS503), (EM13CHS601), (EM13CHS602), (EM13CHS605).

4.2 Até onde podemos ir?

Começo essas considerações indagando algumas questões: quantos dos 8.417 jovens (CENSO ESCOLAR, 2021), matriculados em regime parcial de ensino, em Imperatriz/MA, leram uma obra ou um fragmento de textos de autoria indígena? E quantos dos 777 (CENSO ESCOLAR, 2021), matriculados em regime integral? E os professores da rede estadual de Imperatriz, salvo os que participaram da oficina, quantos tiveram acesso à essas obras?

As narrativas, poemas, artes, músicas, filmes, roupas e acessórios indígenas são produções que podem auxiliar na discussão e reflexão de muitas temáticas enfrentadas pelas crianças e adolescentes, principalmente no momento em que se está em transição que para muitos de nós não significa um rito de passagem, mas que é carregado de inseguranças e incertezas.

Por meio das narrativas dos povos indígenas, além de se trabalhar a formação da identidade, também se pode abordar sobre territorialidade, convívio social, relações afetivas, espiritualidades, cosmovisões, etc, que fazem parte do ser humano, mas que são esquecidas por muitos.

Essa etapa de estudos, também é a etapa do descobrir o novo, dos desafios, das escolhas, motivos mais que suficientes para se apresentar as questões indígenas e seus povos, principalmente os que estão em território maranhense como os Guajajara, os Timbira, os Krikati, etc.

Aqui, utilizei uma única obra para exemplificar possíveis planejamentos para as mais diversas disciplinas e poder provocar discussões, todas relacionadas às competências e habilidades da BNCC para o Ensino Médio, mas ressalto que não há material suficiente quando o professor não tem iniciativa ou vontade de se colocar para sair do comodismo, do uso das literaturas canônicas e da repetição de currículo.

Andemos!

5. UM POUCO MAIS DE REFERÊNCIAS INDÍGENAS

GRAÇA GRAÚNA



Indígena potiguara, Graça Graúna (Maria das Graças Ferreira) nasceu em São José do Rio Campestre, RN. Escritora, poeta e crítica literária, é graduada, mestre e doutora em Letras pela UFPE e pós-doutora em Literatura, Educação e Direitos Indígenas pela UMESP. Publicou *Canto mestizo* (1999), *Tessituras da terra* (2000), *Tear da palavra* (2001), *Flor da mata* (haikais, 2014). Participa de várias antologias poéticas no Brasil e no exterior e é responsável pelo blog Tecido de Vozes.

Fonte: Instituto Moreira Salles

Figura 13: Graça Graúna.

ALINE ROCHEDO PACHAMAMA



Aline é historiadora, ilustradora, educadora, editora e escritora. Dirige o selo Pachamama Editora, formada por mulheres indígenas. Por meio dele, ela elabora e executa ações em prol da valorização e preservação das línguas dos povos originários e divulga as suas culturas a partir da história oral e memória, principalmente, de mulheres e anciãs. São dela as obras Pachamama, de 2016, Guerreiras, de 2018, o infanto-juvenil polilíngue *Taynôh*, disponível em guarani, xavante, português e espanhol, de 2019, e Boacé Uchô, de 2020, publicadas por esta editora.

Fonte: Balada Literária

Figura 14: Aline Rochedo Pachamama

MÁRCIA WAYNA KAMBEBA



Márcia Wayna Kambeba é indígena, do povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões (AM). Nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna. Mora hoje em Belém (PA) e é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista.

Em sua luta na literatura e na música, aborda, sobretudo, a identidade dos povos indígenas, territorialidade e a questão da mulher nas aldeias. Em 2013, lançou o seu primeiro livro *Ay Kakyri Tama*, que reúne textos poéticos e fotografias da vivência do seu povo dentro das cidades.

Fonte: Templo Cultural Delfos

Figura 15: Márcia Wayna Kambeba.

LIA MINAPOTY E YAGUARÊ YAMÃ



Lia Minapoty e Yaguarê Yamã são casados e trabalham juntos dando palestras e atuando no movimento indígena, valorizando assim a cultura tradicional do povo Maraguá. Yaguarê é escritor, professor, geógrafo e artista plástico, com vários livros publicados, alguns premiados internacionalmente, além de líder do povo Maraguá. Lia Minapoty tem 22 anos de idade, e é uma das jovens lideranças do povo Maraguá. Atua como artista plástica, especialista em grafismos indígenas além de fazer parte da diretoria da AMIMA (Associação das Mulheres Indígenas Maraguá). Juntos trabalham levando a cultura de seu povo em eventos nacionais e oficinas culturais.

Fonte: Blog pessoal

Figura 16: Lia Minapoty e Yaguarê Yamã.

DANIEL MUNDURUKU



Nasceu em Belém, PA, filho do povo Indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP. Lecionou durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de conferências e ministrando oficinas culturais para crianças.

Autor de Histórias de índio, coisas de índio e As serpentes que roubaram a noite, os dois últimos premiados com a Menção de livro Altamente Recomendável pela FNLIJ. Seu livro Meu avô Apolinário foi escolhido pela Unesco para receber Menção honrosa no Prêmio Literatura para crianças e Jovens na questão da tolerância. Entre outras atividades, participa ativamente de palestras e seminários destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira. Pela Global Editora tem publicado várias obras.

Fonte: Grupo Editorial Global

Figura 17: Daniel Munduruku.

GERSEM BANIWA



Gerssem Baniwa é natural de São Gabriel da Cachoeira (AM), graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM, 1995), mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB, 2006) e doutor em Antropologia pela mesma instituição (2010). Foi secretário municipal de educação de São Gabriel da Cachoeira, co-fundador da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e coordenador geral de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do Ministério da Educação (MEC).

Fonte: UFG

Figura 18: Gerssem Baniwa.

OLÍVIO JEKUPÉ



Escritor indígena do povo Guarani, Olívio Jekupé nasceu em 10 de outubro de 1965, no Paraná, mas atualmente mora na aldeia Krukutu, que fica em Parelheiros (SP). Olívio estudou Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e na Universidade de São Paulo (USP), mas por inúmeras dificuldades não conseguiu concluir o curso, mesmo assim não desanimou, continuou escrevendo e participando de palestras no Brasil e exterior divulgando a cultura indígena.

Fonte: Colégio Pedro II

Figura 19: Olívio Jekupé.

ELY MACUXI



Ely Macuxi é Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM - 2008) e mestrando em Antropologia Social – (UFAM - 2017). Como escritor, publicou o livro *Ipaty: O Curumim da Selva* (Paulinas). Atuava como assessor Técnico do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena – CEEI/AM. Morreu precocemente de COVID-19.

Fonte: Revista Pessoa

Figura 20: Ely Macuxi.

AILTON KRENAK



Ailton Krenak nasceu em 1953. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Autor de *Ideias para adiar o fim do mundo*.

Fonte: Grupo Companhia das Letras

Figura 21: Ailton Krenak.

6. UM DESCANSO PARA PROSSEGUIR DEPOIS

Após mais de 10 anos sem estudar, sair do comodismo foi um pouco difícil, estressante e, ao mesmo tempo, estimulante. Assim, após concluir uma pós-graduação, o desejo de me matricular em Letras e cursar a graduação cresceu com muito mais vontade. Era a área que eu queria, que eu gostava de atuar, de fazer o aluno gostar de ler as narrativas, os poemas, as músicas.

Depois de cursar as disciplinas básicas, estudar as literaturas canônicas e conhecer as literaturas brasileiras tradicionais, digo, as clássicas, conheci as literaturas indígenas e não quis mais deixá-las quietas, escondidas, silenciadas e nunca discutidas em minhas salas de aula.

Por isso, comecei a apresentá-las aos meus alunos, quando cursava a disciplina Literatura Brasileira: tendências contemporâneas. Foi prazeroso ver os resultados!

Por esse motivo e por saber da dificuldade que é planejar as aulas de literatura com as competências e habilidades da BNCC, decidi elaborar essa proposta de letramento como uma forma de auxiliar os docentes no cumprimento da Lei 11.645/08 – estudar a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros, como também o produto final da pesquisa em literaturas indígenas, realizada durante o Mestrado em Letras na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

Por outro lado, construí-la não foi tão fácil, porque não conseguia imaginar como seria no mundo físico, apesar de sentir tudo pronto no mundo das ideias. Cada passo construído é comparado aos meses do período gestacional: fecundou-se na mente, desenvolveu-se nos diálogos e discussões, cresceu nas folhas digitadas e foi parida em forma desta proposta. Viva!

O que sei (e sinto!) é que esse pequeno gesto – estudar, pesquisar, estudar e construir – será utilizado por meus colegas docentes que buscam sair do comodismo, que adoram viver aventuras e que pensam no alunado como seres humanos, capazes, pensantes e que estes serão o nosso futuro como profissionais e sociedade. Serão aqueles que constituirão uma sociedade mais justa e sem qualquer tipo de discriminação, pois a escola é o principal lugar

para se trabalhar e discutir toda a multidiversidade que há no Brasil.

Agora, quando paro e penso no meu amanhã, depois de entregar/ enviar esta proposta para as escolas, imagino o quanto ela será utilizada, mas também no quanto ainda posso colaborar, com mais pesquisas, estudos, trabalhos publicados, compartilhando, assim, um pequeno fio de conhecimento que foi traçado nos saberes indígenas. O que me faz desejar adentrar o Doutorado em Literaturas Indígenas ou áreas afins, para não mais perder esse rio de conhecimentos que os povos indígenas nos oferecem.

As Literaturas Indígenas, nos ensinam como ser mais fraternos, mais ligados ao meio ambiente, à preservação deste, a ter mais espiritualidade, valorizando os ancestrais, nossa história, nosso território. Assim como nos ensinam a ser menos egoístas, a não ser preconceituosos, a respeitar a si mesmo e ao outro. Por isso é fundamental que todos tenham acesso a elas.

Não se pode fugir da característica histórica das narrativas indígenas. Ainda hoje, após mais de cinco séculos da invasão europeia, o Estado gestado pelos invasores empreende um genocídio contra as centenas (que já foram milhares) de etnias desta terra. Dos poderes da Literatura, um dos mais fortes é a construção de empatia. Apagar a história do outro, do outro que somos nós, é uma maneira muito eficaz de impedir essa construção. As literaturas indígenas, além de construir um senso de identidade e pertencimento às etnias originárias, entorpecido pelo entretenimento da ideologia dominante, cria a possibilidade, por meio do compartilhamento de histórias, de estudantes e professores se sentirem encarnados nas peles dos povos indígenas. Numa luta contra a discriminação – que cria base ideológica para o genocídio – construir ferramentas humanizantes é tarefa imperativa.

Você, aluno ou professor que tem agora esse material em mãos, que se sente dando murro em ponta de faca, que se sente desvalorizado e mesmo desesperado, saiba que essa solidão é falsa. Existimos juntos e vamos avançar. Espero que esse material possa ser o pontapé inicial, um instrumento de motivação, para que muitos outros materiais com o mesmo objetivo, que outras pesquisas com o mesmo cunho, que muitas ações com a mesma intenção sejam celebradas no mundo material.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Rhina Landos Martínez. A formação do professor de literatura. **Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, 2009. n° 18, p. 27-39.

BRASIL. **Artigo 31**, Decreto n° 5.051, de 19 de abril de 2004. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/97798/decreto-5051-04>. Acesso em 20 out 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 10 jul.2021

BRASIL. **Lei n° 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 20 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.goc.br/imagens/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em 15 ago. 21.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.goc.br/abase/>. Acesso em 10 ago. 21.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Ensino Médio. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.goc.br/abase/#medio>. Acesso em 16 ago. 21.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2020a.

FERREIRA, Maria Betânia. Literatura desde o berço. *In: Pra que serve a*

literatura? 17601_laika_Livreto.indd. *online*, 2013.

FIALHO, Neusa Nogueira; TORRES, Patrícia Lupion. Recursos e práticas educacionais abertas: a busca por uma cultura compartilhada. *In: Formação de professores: teoria e prática pedagógica*. Jacques de Lima Ferreira (org.). Petrópolis: Vozes, 2014. p. 113-132.

GRAÚNA, Graça. Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08. **Educação & Linguagem**, v. 14, n.23/24, jan./dez. 2011, p. 231-260.

HAKIY, Tiago. **Noite e dia na aldeia**. Curitiba: Positivo, 2014.

LIMA, Amanda Machado Alves de. **O livro indígena e suas múltiplas grafias**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/o_livro_indigena_e_suas_multiplas_grafias.pdf

LIMA, Graça. **Abaré**. São Paulo: Paullus, 2009.

MATÉ. **Poemas da minha terra tupi**. São Paulo: Bico de Lacre, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Tempo de história**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Taynôh: o menino que tinha cem anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pachamama, 2019.

PARA QUE SERVEM AS OFICINAS LITERÁRIAS? Postado em Escrita criativa, Literatura, Resenha. Com a tag Escrita criativa. Luiz Antonio de Assis Brasil, Oficina de criação Literária, oficinas literárias, PUCRS.

Disponível em <https://blogogrifo.wordpress.com/20108/30/para-que-servem-as-oficinas-literarias-oficina-criacao-literaria-pucrs-luiz-antonio-assis-brasil/>. Acesso em 08 nov. 21.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

POTIGUARA, Eliane. **O coco que guardava a noite**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 95-121.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Ler literatura: o exercício do prazer**. Educação literária por meio de oficinas de leitura. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Thiago Muniz da. **Um curumim na Amazônia: as representações da cultura indígena em Yaguarê Yamã**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2018.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. São Paulo: Uk'a, 2018.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: PUC/PR, 2013.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora: a Literatura Indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WAPICHANA, Cristino. **A oncinha Lili**. Brasília: Edebé, 2014.

EQUIPE

O ser humano é essencialmente dependente. Isso porque “ninguém faz nada sozinho”. Até para nascermos, precisamos de outros. Por isso, para chegar a esta produção finalizada, precisei de várias mãos amigas, muitas orientações, discussões e opiniões. Mãos que construíram as ilustrações, as formatações, colheram as ideias e me ajudaram a moldá-las.

Dessa forma, não poderia deixar de mencionar sobre cada um que compõe esse coletivo, para que o resultado fosse alcançado. Começo pela professora Dra. Lilian Castelo Branco de Lima, minha orientadora e amiga, que me guiou na pesquisa, análise e produção das propostas de letramento literário, bem como nas oficinas em Literaturas Indígenas, ponto base para a construção desta proposta, sempre carinhosa e atenciosa quando o mundo parecia desabar.

Bem como não devo deixar de pontuar sobre o prazer que é ter a parceria do Ronald Kauã Rodrigues Oliveira, meu ex-aluno, participante do primeiro projeto sobre literatura indígena, quando eu ainda cursava a graduação em Letras. Desde garoto, Ronald gostava de arte e de desenhar, inclusive durante as aulas. Por isso, quando o convidei para esta jornada, a alegria de ver seus olhos brilharem foi uma certeza do quanto isso tem um significado tanto para ele, como para mim. Assim, a capa e o projeto gráfico ficaram por sua responsabilidade e amor.



Ronald tem 19 anos, é designer gráfico e tem como inspirações seu dia a dia. Mora em Imperatriz, Maranhão e defende que a arte é um meio de resolver problemas e ajudar pessoas. Em seu tempo livre gosta de criar logos e fazer cursos de aperfeiçoamento para entregar um melhor resultado para os seus clientes. Filho de Maria do Rosário Rodrigues e Ronaldo Oliveira, usa a arte para expressar sua vida ou notícias marcante no meio da sociedade. Para entrar em contato e saber mais sobre o trabalho de Ronald siga seu Instagram, @ronald.kaua.rk, ou pelo telefone (99) 991.020.072.



Assim como não posso esquecer do João Paulo de Abreu Almeida Costa e Póvoa, um amigo recém-chegado, que me acolheu como família e que vestiu a camisa, arregaçou as mangas e colocou as mãos na massa, tanto para fazer vislumbrar, no meu imaginário e na forma física, esta proposta, me presenteando com a produção, editoração e diagramação deste produto técnico-tecnológico.

E por fim, saudar o meu padrinho na fé e meu amigo, Pedro Henrique de Abreu Almeida Costa e Póvoa, pela revisão textual. Foram muitas mãos em prol de um mesmo objetivo: fornecer um material de apoio, aos docentes de Imperatriz/MA, para trabalhar as mais diversas literaturas e artes indígenas.

Mas só reconhecer as parcerias não é essencial, é preciso AGRADECER a todos os envolvidos, direta ou indiretamente, neste trabalho. Obrigada, Cristino Wapichana, pelo prefácio, pelo ombro amigo e por me escutar em momentos de incertezas! Ao Ronald Kauã, João Paulo e Pedro Henrique, obrigada por toda a ajuda! À Lilian, obrigada por me guiar nos caminhos das narrativas indígenas, me possibilitando conhecer o Brasil em sua multidiversidade étnica-cultural! Obrigada aos amigos do mestrado e da vida, Alexandre, Andreia, Isabel, Ismael, Maria, Mariana e Raniere, pelas conversas e incentivos quando tudo parecia que não daria certo. Assim como agradeço a todos que me incentivaram, direta ou indiretamente, para a conclusão do mestrado e desta proposta. Sou grata!

Sem deixar de mencionar e agradecer, reconheço a importância da UEMASUL, tanto por garantir o acesso aos cursos de graduação e pós-graduação, como por me possibilitar fazer parte de sua história de criação e emancipação, assim como ser uma das 17 acadêmicas da primeira turma do Mestrado em Letras.

O sonho de muitos não se realiza porque os obstáculos são grandes e árduos, mas quando se objetiva o que, de fato, te fará feliz, eles se tornam incentivos para que se chegue à realização. Cheguei! Sou Mestra!





Este livro foi composto nas famílias tipográficas:
Adobe Garamond e Xilosa
Impresso em papel pólen 80g
Inverno de 2022